SAFRA DE GRÃOS DEVE SER A MAIS CARA DA HISTÓRIA AO PRODUTOR RURAL

MACIEL ALEOMIR DA SILVA[1], THIAGO FRANCISCO RODRIGUES[2]

A análise dos preços no período compreendido entre abril de 2021 e abril último mostra que os custos de produção da soja e do milho cresceram, respectivamente, 47% e 68%. No entanto, no mesmo período, o preço da saca de soja aumentou 7% e a saca de milho sofreu uma queda de 9% na cotação. A soja continuará com boa margem, mas acende-se a luz amarela para o resultado do milho.

A ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, na sigla em inglês) tem apontado que a produção global de grãos pode sofrer uma redução em 2022, fato que não acontecia há quatro anos e que preocupa o setor produtivo. Segundo a FAO, a produção deve ser de 2,78 bilhões de toneladas, 16 milhões de toneladas menor ante 2021, com milho, trigo e arroz sendo as culturas sobre as quais os maiores impactos poderão ser notados.

Com o segundo semestre batendo à porta, a preocupação se estende para 2023. A safra brasileira 2022/23 transita, agora, por um momento crítico quanto à necessidade de aquisição de fertilizantes. Como era de se esperar, os impactos da guerra, os problemas logísticos e a crise energética irão, cumulativamente, refletir-se nas planilhas de custos da agropecuária.

SHUTTERSTOCK



Os impactos da instabilidade gerada por esses fundamentos sobre as duas principais culturas agrícolas em nível nacional – soja e milho – já podem ser estimados para a safra 2022/23, com base nos dados do projeto Campo Futuro, iniciativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). O custo, sem sombra de dúvida, terá interferências nas tomadas de decisão dos produtores, seja em relação ao pacote tecnológico ou à expansão de área, e será um fator determinante para o desempenho agrícola do Brasil em 2023.

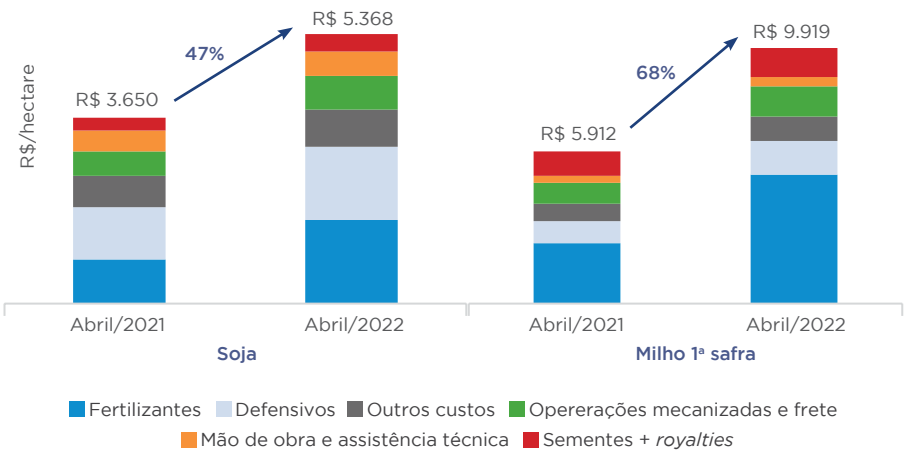
No caso da soja, o aumento de custos para a safra 2022/23 projeta-se a uma elevação de pelo menos 47% em relação à safra 2021, que já tinha sido recorde de custos, o que é parcialmente explicado pelas negociações de fertilizantes, em que mais de 65%, felizmente, já ocorreram, mas a preços nunca vivenciados. Os aumentos serão liderados por esses insumos, que deverão ser responsáveis por mais de 30% do Custo Operacional Efetivo (COE) da cultura.

Soma-se, ainda, a contribuição expressiva dos defensivos químicos, que participam com entre 25% e 30% dos custos de produção e terão um acréscimo na ordem de 42%, sendo liderados pela categoria dos herbicidas, com altas que devem superar 130%. Aumentos menos impactantes, mas não desprezíveis, também são esperados pelo aumento dos custos com frete e operações mecanizadas, em razão das despesas com combustíveis.

No caso do milho 1ª safra, espera-se um aumento de custos de pelo menos 68% em relação à safra 2021/22. Como a participação dos fertilizantes nos custos de produção do cereal é ainda maior, oscilando entre 40% e 50% do COE, muito em função da não ocorrência da fixação biológica de nitrogênio – que ocorre na soja –, demanda-se a

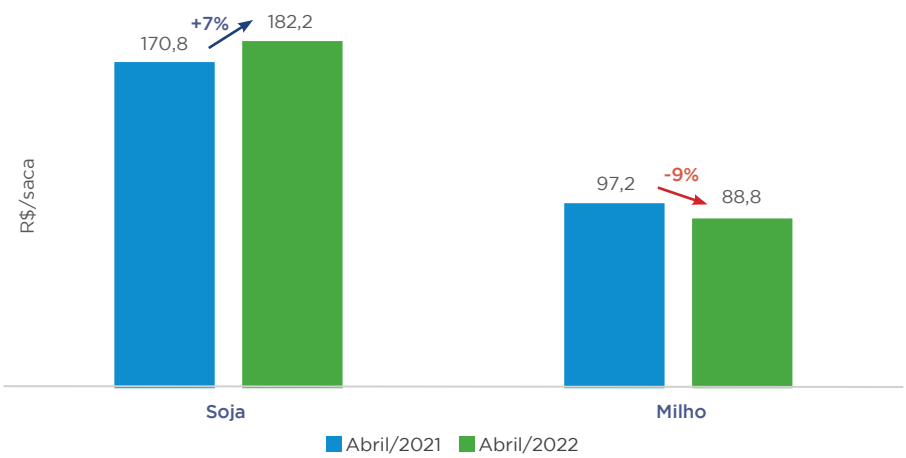


ESTIMATIVAS DO COE DA PRODUÇÃO DE SOJA NA REGIÃO DE CASCAVEL-PR E DA PRODUÇÃO DE MILHO NA REGIÃO DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES-BA



Fonte: Campo Futuro/CNA-SENAR; Cepea/Esalq/USP

COMPARATIVOS DOS PREÇOS MÉDIOS MENSAIS DA SOJA (PARANÁ) E DO MILHO (CAMPINAS-SP)



Fonte: Cepea/Esalq/USP


SHUTTERSTOCK

suplementação desse nutriente. O aumento de custos com fertilizantes pode ultrapassar 110%. Assim como na soja, os defensivos também contribuirão com o quadro de elevação dos custos, impulsionados, também, pelo item herbicidas, que, ao que tudo indica, deve alcançar uma alta de alarmantes 200%.

Quanto aos preços, comparando os meses de abril de 2021 e abril último, verifica-se um aumento de 7% para a soja e uma redução de 9% para o milho, conforme indicadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Cepea/Esalq/USP). Tal cenário, associado ao aumento dos custos, resultará no inevitável estreitamento das margens de lucro.

Nos exemplos citados – soja em Cascavel-PR e milho verão em Luís Eduardo Magalhães-BA –, mantendo as produtividades médias respectivas de 56,5 e 161,0 sacas por hectare, a soja mostra ainda boa margem e o milho terá um resultado mais apertado.

Tal fato deve culminar em uma safra de maior risco e mais sensível às variáveis de potencial redução de produtividade, como, por exemplo, o clima.

Com compromissos de longo prazo firmados e pela natureza da atividade, o empenho dos produtores em garantir o abastecimento de alimento, seguramente, será mantido mesmo em tais circunstâncias.

Nesse contexto, a gestão de custo e risco torna-se ainda mais relevante. Medidas como o ajuste do pacote tecnológico frente aos riscos de mercado e de clima e a exigência de melhores práticas agronômicas, aliadas a estratégias de gestão de risco e comercialização, seja na compra do insumo ou na venda do produto, tornaram-se ainda mais necessárias.

Da mesma forma, ações de suporte financeiro por meio do Plano Agrícola e Pecuário (PAP) serão indispensáveis para a garantia do abastecimento de alimentos e a redução da pressão inflacionária. E, entre essas ações, destaca-se a disponibilização de R$ 22 bilhões para a equalização e a manutenção da taxa de juros abaixo de dois dígitos, bem como recursos em volume adequado para a subvenção do governo federal ao prêmio do seguro rural. ■

1 Coordenador de Produção Agrícola da CNA
2 Assessor técnico da CNA